



OLHOS DO BRASIL PARA O MUNDO

O documentário
M'Kumba está
sendo feito com o
apoio da National
Geographic Society

**Veja como o fotógrafo
Gui Christ vive no Brasil
produzindo material de
forma independente para
veículos de comunicação
estrangeiros**

POR JOSÉ DE ALMEIDA

A pontado como um dos melhores fotógrafos documentaristas de sua geração pela revista *European Photography*, editada na Alemanha, o brasileiro Gui Christ muito provavelmente é mais conhecido pelos

seus trabalhos publicados no exterior do que por aqui. Recebeu recentemente o título de National Geographic Society Explorer pelo documentário *M'Kumba*, que aborda religiões de matriz africana no Brasil, e tem uma bolsa do Pulitzer Center para um de seus projetos em andamento. Recentemente, foi nomeado para o Foam Paul Huf Award 2023, prêmio voltado a fotógrafos emergentes de reconhecimento internacional.

Nascido em, Niterói (RJ) em 1980, mas criado em Angra dos Reis (RS), apostou primeiramente na fotografia publicitária ao se tornar um dos sócios do Estúdio Manipula, com o qual ganhou vários prêmios – como Creative Cannes Awards e Clio Awards. Mas, depois de 10 anos, seis sem tirar férias, mudou totalmente de rumo e hoje vive de contar histórias, que podem ser pautas suas ou encomendadas. Não ganha tanto dinheiro



M'Kumba é uma palavra religiosa que vem da língua kikongo, falada na região central da África. Aqui, por preconceito, foi desvirtuada"

Gui Christ

como antes, mas é muito mais feliz.

Distante do fotojornalismo tradicional, Gui Christ produz para revistas, como a própria *National Geographic*, a *Time*, a *Billboard* e a *Esquire*, e jornais, como o *The Washington Post* e o *El País*. Ele lembra que, quando estava no estúdio, mais administrava o negócio do que fotografava. Saiu no momento em que tinha feito um bom “pé de meia” e podia ficar cerca de um ano e meio vivendo com uma renda mensal. A partir daí, passou a usar o conhecimento técnico adquirido no estúdio para produzir documentários dentro de um estilo que ele chama de “não ortodoxo”.

Formado em Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduado em Cinema Documental e Direção de Fotografia pela Academia Internacional de Cinema de São Paulo (SP), Christ junta esse conhecimento acadêmico ao domínio técnico prático que adquiriu na fotografia publicitária. Isso se reflete no uso de flashes para “desenhar” a luz e na forma de fazer a composição. Mas ele faz questão de frisar: “Técnica não se impõe à linguagem”.

No seu primeiro trabalho de documentação de longo prazo, montou um estúdio fotográfico na Cracolândia, na região central da

Iniciado no candomblé e da umbanda, Christ faz o trabalho para tratar de intolerância religiosa



Fotos: Gui Christ/National Geographic Society



capital paulista, e por lá ficou três anos como voluntário em um serviço de assistência social e, ao mesmo tempo, de documentação autoral: ele fazia os retratos das pessoas que precisavam de novos documentos. Com o tempo, ganhou a confiança dos usuários de drogas e começou a registrá-los com seus cachimbos artesanais, já que cada um improvisa o seu.

M'KUMBA

Por ter morado perto de uma favela, Gui Christ aprendeu que nesse tipo de comunidade você precisa ter jogo de cintura, conhecer as lideranças locais caso queira entrar no lugar e se comunicar de forma clara, para evitar mal-

entendidos. Essa lição ele coloca em prática quando precisa acessar lugares em que tratará de temas que envolvam estigmas e preconceitos. “Se você não fizer a abordagem do jeito adequado, eles podem se sentir ofendidos ou invadidos. Eu vou para ser visto, nunca chego fotografando e tento estabelecer uma troca. Fui para um quilombo, por exemplo, e ofereci ajuda financeira para pagar minha comida e a hospedagem pelos dois dias”, conta ele.

Sua abordagem com os personagens que pretende fotografar é sempre muito respeitosa – caso de um de seus mais recentes trabalhos, *M'Kumba*, ainda em andamento. Iniciado no candomblé e na umbanda, ele

usou seu conhecimento nessas religiões de matriz africana para tratar dos temas intolerância e racismo. Christ vê na documentação que faz um instrumento de combate ao racismo religioso, termo mais adequado do que intolerância, segundo ele,



Acima e ao lado, imagens captadas da Cracolândia, em São Paulo (SP), para o documentário *Fissura*



Retratos da série *Pixo*, feitos com o apoio do Pulitzer Center of Journalism, com sede em Washington DC, EUA

pois os praticantes são muito mais afetados do que os fiéis de outras religiões por causa da cor da pele – esse trabalho foi exposto na Alemanha, na Suíça, na Argentina, na Inglaterra e na Índia, foi finalista do Lensculture Portrait Awards 2022 e selecionado para uma edição com imagens do fotojornalismo mundial pelo Pulitzer Center.

Christ lembra que há séculos a palavra macumba vem sendo usada de forma pejorativa. “Ainda é comum ouvir expressões intolerantes como ‘chuta que é macumba!’. É crucial combater essa forma de racismo. A palavra deveria ser sagrada e, devido ao preconceito, foi totalmente distorcida. ‘M’Kumba’ vem do kikongo, língua falada na região centro-africana. ‘Kumba’ significa curandeiro, homem sábio, senhor da palavra; e o M’ indica o coletivo nesse idioma. Os povos trazidos para o Brasil como escravos muitas vezes só tinham nos momentos desses sábios, a m’kumba, seus momentos de alento e cura”, explica ele. Por preconceito e desconhecimento, a palavra passou a ser associada ao mal, algo que dura até hoje, informa o fotógrafo.



Fotos: Gui Christ

VIVER DE FOTOGRAFIA

Ao deixar a fotografia publicitária, Gui Christ optou por levar uma vida mais simples financeiramente, mas diz que ganhou em satisfação pessoal. Ele não tem feito trabalhos



Acima e abaixo, retratos do documentário *Peixe Seco*, que mostra a nova face de indígenas de São Paulo (SP)

para veículos de comunicação no Brasil, só para estrangeiros. Avalia que a questão cambial, ou seja, ser pago em dólares, ajuda bastante. Aposta em projetos a longo prazo e produz documentários pontuais quando é requisitado.

Está na terceira bolsa paga pelo Pulitzer Center com duração

de oito meses (os pagamentos são mensais nesse período). Também tem ajuda financeira nos projetos que apresenta, como Nat Geo Explorer. “Eu faço um projeto e encaminho com o orçamento. Por exemplo: 60 diárias com um valor em dólar. Se aprovado, eles me mandam o dinheiro”, explica. Christ prefere se identificar como documentarista a fotojornalista, pois acredita que o que faz tem um foco diferente. Jamais se interessou em cobrir *hard news* para jornais e revistas pelos baixos valores que são pagos. “Infelizmente, o fotojornalismo está desvalorizado, e é assim no mundo inteiro”, comenta.

De uma família judia de origem alemã que veio para o Brasil fugindo do nazismo, ele explica que o sobrenome Christ não é o original, mas foi adotado na chegada ao País para chamar menos a atenção. Ele teve educação bilingue e é fluente em inglês desde criança. Atualmente se dedica a estudar espanhol para falar e escrever bem. “Dominar o inglês me ajuda muito no contato com editores estrangeiros. Acho que todo fotógrafo tem que estudar





Fotos: Gui Christ/Pulitzer Center for Journalism

bem o inglês para ir atrás de bolsas, fazer projetos para apresentar fora do Brasil, se comunicar com editores e sugerir pautas de longa duração”, sugere.

Além de *M’Kumba*, Christ fez outros projetos de longo prazo nesses cinco anos em que virou documentarista: *Marrocos*, sobre uma ocupação no antigo Cine Marrocos, no centro de São Paulo; e *Fissura*, que aborda a Cracolândia, geraram livros premiados; *Desconstructo*, uma pesquisa visual sobre os vestígios físicos de objetos e edifícios abandonados encontrados na capital paulista; *Pixo*, que trata da disputa entre grupos de pixadores por territórios na cidade de São Paulo; e *Peixe Seco* (tradução do tupi-guarani para piratininga), o mais recente, que documenta as várias etnias indígenas que vivem na região metropolitana de São Paulo e sua inserção no mundo atual, como o hip-hop e a cena LGBTQI+.

Em termos de equipamento, o fotógrafo fluminense fez a transição da DSLR Canon EOA 5Ds para a *mirrorless* R5 e usa basicamente quatro lentes: a

versátil zoom 24-70 mm e as fixas 35 mm, 50 mm e 85 mm, todas f/2. Tem três tochas a bateria e alguns modificadores de luz – usa bastante o softbox grande e a sombrinha para fazer luz principal e contraluz. Por isso, depende quase sempre de assistente para ajudá-lo nas produções. Leva ainda fundos de acordo com o tema (pode ser lona, tecido ou papel). Ele usava flashes da sueca Profoto, mas hoje prefere os chineses da Godox, eficientes e bem mais baratos. “O fato é que o equipamento ficou muito caro para o fotógrafo brasileiro com a cotação do dólar nos últimos anos”, comenta. 🌐

Retratos realizados no Maranhão para a série *Franja da Amazônia*, também com apoio do Pulitzer Center

Gui Christ em ação: experiência de 10 anos em estúdio usada no documental



Ulisses Lima